

Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses

Ana Patrícia Duarte¹ & Maria Luísa Lima²

O presente trabalho teve como objectivo analisar a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro, bem como os papéis desempenhados pelos jovens nas situações de violência reportadas. O estudo foi conduzido junto de uma amostra de jovens estudantes do ensino secundário e universitário, solteiros e com experiência de namoro. Os dados foram recolhidos através de questionários de auto-preenchimento. Averiguaram-se diferenças em função do sexo, da idade e da escolaridade dos participantes, bem como do estatuto da relação. Os principais resultados confirmam que a violência é um problema predominante entre as relações de namoro, com uma percentagem significativa de participantes a confirmar já ter estado envolvida em situações de violência física (10,7%) e psicológica (38,2%) nas suas relações românticas, como vítimas ou agressores. A taxa de violência psicológica é superior à de violência física. Não foram identificadas diferenças no nível de envolvimento em situações de violência física ou psicológica entre os sexos.

PALAVRAS-CHAVE: violência no namoro; violência física; violência psicológica; vítima; perpetração.

Introdução

A violência no namoro constitui um problema social importante nas relações românticas de adolescentes e jovens adultos (Straus, 2004), tendo começado a ser alvo de particular atenção por parte da comunidade científica nas últimas duas décadas. A ideia de que se trataria de um fenómeno raro e insignificante tem vindo a ser contrariada pelos resultados da pesquisa realizada. De facto, os estudos internacionais mostram que os comportamentos violentos são, infelizmente,

¹ ISCTE, Lisboa. Enviar correspondência para: Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Edifício ISCTE, Avenida das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa ou via Internet para patricia.duarte@iscte.pt.
pt. Telefone 21 7903001, Fax 21 7903002.

² ISCTE, Lisboa

frequentes nas relações de namoro, situando-se a taxa de prevalência entre os 22% e os 56% (Magdol *et al.*, 1997).

A compreensão e a prevenção deste problema social é particularmente relevante durante a adolescência, uma vez que os jovens se encontram num período de desenvolvimento em que se inicia o comportamento de namoro que constitui a fundação das relações românticas adultas (Crockett & Counter, 1995, cit. por Arriaga & Foshee, 2004; Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004) e pode estabelecer padrões de relacionamento interpessoal que persistem ao longo da vida (Straus, 2004), incluindo a violência nas relações adultas (Magdol *et al.*, 1997). De facto, a violência no namoro tem-se revelado um importante preditor da violência conjugal (Hamby, 1988, cit. por Machado, Matos & Moreira, 2003). Caso a relação se mantenha, a violência tende a aumentar em termos de frequência e de gravidade. Da mesma forma, a exposição à violência no namoro pode expor os jovens a outros riscos de saúde, como comportamentos sexuais de risco que aumentam o risco de gravidez (Women's Health and Development, 1997, cit. por Swart, Seedat, Stevens & Ricardo, 2002) ou doenças sexualmente transmissíveis (Dowsett & Aggleton, 1999, cit. por Swart *et al.*, 2002). Estas consequências tornam crucial avançar o conhecimento existente sobre o problema, de forma a desenvolver programas de prevenção e intervenção informadas e eficazes.

Definição e formas de violência

Embora o conhecimento sobre a problemática de violência no namoro tenha avançado significativamente nos últimos anos, inconsistências e omissões na definição dos conceitos avaliados nas diversas pesquisas, nomeadamente do que se entende por namoro e por violência, têm tornado difícil a comparação e síntese dos resultados obtidos e limitado o avanço desse mesmo conhecimento (Jackson, 1999).

Tendo presente esta ideia, torna-se essencial clarificar os conceitos usados neste trabalho, começando pela definição de namoro. No presente estudo, o namoro é entendido como uma relação romântica entre duas pessoas não casadas. Estas diádes poderão ser constituídas por indivíduos heterossexuais ou homossexuais.

Já definir o que se entende por violência ou agressão é mais complexo, pois como afirma Emery (1989), definir um acto como violento ou abusivo não é uma decisão objectiva, mas sim um julgamento social. A literatura sobre violência no namoro não apresenta uma resposta clara para esta questão, todavia, uma das definições mais populares de violência foi proposta por Sugarman e Hotaling. Os autores entendem a violência como ameaça ou uso de força física levado a cabo com a intenção de causar dor ou ferir o outro no contexto da relação amorosa (1989, cit. por Lewis & Fremouw, 2001). Neste contexto, empurrar, bater, estrangular, arre-

messar objectos são exemplos de comportamentos violentos. Trata-se de uma definição simples, ancorada na ideia de violência física, mas limitada no sentido em que não faz referência a outras formas de violência referidas na literatura, nomeadamente a violência psicológica ou verbal. A violência psicológica diz respeito a qualquer acto não físico realizado com a intenção de magoar o parceiro, podendo incluir elementos directos ou indirectos, verbais ou não verbais (Jenkins & Aubé, 2002). Exemplos de comportamentos psicologicamente agressivos são o insultar, o humilhar, o deixar de falar ou de interagir com a vítima e o restringir a sua liberdade de acção.

Observando a literatura existente, constata-se que a maioria da pesquisa realizada tem como foco de interesse a violência física (Jackson, 1999), avaliada muitas das vezes através da Conflict Tactics Scale de Straus e colaboradores (Archer, 2000). Como Jackson (1999) chama a atenção, avaliar uma só forma de violência resulta numa visão míspe da violência no namoro, sendo necessária mais investigação sobre a violência psicológica, sobretudo quando se sabe que a violência psicológica tem sido apontada como precursora da violência física (Hydén, 1995) e em muitos casos os seus efeitos são mais severos e prolongados no tempo do que os desta (Walker, 1984, cit. por Jenkins & Aubé, 2002).

Na sequência dos argumentos apresentados, e salientando a necessidade de proceder a uma avaliação integrada de diversos tipos de violência por forma a compreender a verdadeira natureza e extensão do problema, estabeleceu-se como objectivo geral do presente estudo avaliar as taxas de prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens portugueses. Uma vez que os estudos que incluem diferentes formas de violência sugerem que estas se encontram associadas (e.g. Burke, Stets & Pirog-Good, 1988; Sigelman, Berry & Wiles, 1984), estabeleceu-se também como objectivo avaliar a relação entre as mesmas. Dado existir suporte empírico neste sentido, foi postulada a seguinte hipótese:

Hipótese 1 – A ocorrência de violência psicológica encontra-se associada positivamente à ocorrência de violência física. Quanto maior a ocorrência de violência psicológica maior é a probabilidade de ocorrência de violência física.

Prevalência da violência no namoro

Um considerável corpo de pesquisa foi conduzido num esforço de avaliar a taxa de prevalência da violência nas relações de namoro, particularmente ao nível dos EUA, Canadá e Reino Unido (Jackson, 1999).

O estudo de Makepeace (1981) sobre a natureza e prevalência da violência nas relações amorosas foi pioneiro neste campo e revelou que, sensivelmente, 20%

dos participantes já tinha experienciado pelo menos um incidente com violência física nas suas relações de namoro e que 61% conhecia pessoalmente alguém que tinha passado por essa situação.

Estudos posteriores identificaram taxas de prevalência algo diferentes. Por exemplo, Carlson (1987, cit. por Jackson, 1999) constatou que 12% dos estudantes do ensino secundário e 36% dos estudantes universitários experienciam algum tipo de violência nas suas relações amorosas.

Swart *et al.* (2002) constataram, num estudo sobre prevalência da violência física conduzido em África do Sul junto de uma amostra de estudantes do ensino secundário, que 49,8% rapazes e 52,4% raparigas tinham estado envolvidos num relacionamento amoroso violento nos 12 meses que antecederam a pesquisa.

Outro estudo, realizado por Jaycox (2004, cit. Hickman *et al.*, 2004) nos EUA também junto de uma amostra de estudantes do ensino secundário, em que a autora avaliou quer a prevalência de violência física quer da psicológica, avança com taxas de prevalência bastante menores no que se refere à violência física. Concretizando, 25% dos rapazes e 21% das raparigas reportaram ter sido vítimas de violência física. No caso da vitimização psicológica as taxas são superiores: 45% dos rapazes e 42% raparigas inquiridas reportaram ter sido vítimas de violência psicológica. A autora avaliou também as taxas de perpetração de actos violentos, tendo estes sido cometidos por 20% dos rapazes e 33% das raparigas quando se tratava de violência física e 55% dos rapazes e 60% das raparigas no caso de actos de violência psicológica.

Um estudo internacional realizado muito recentemente por Straus (2004) sobre violência física, envolvendo 31 universidades de 16 países, incluindo Portugal, aponta para resultados idênticos aos que Magdol e colaboradores (1997) identificaram na sua meta-análise da pesquisa existente. O autor constatou que a taxa média de prevalência de violência física se situa nos 29%, oscilando as taxas de agressão entre universidades entre os 17% e os 45%.

Como se pode verificar, as taxas de prevalência identificadas pelos vários estudos variam consoante a forma de violência avaliada, bem como de acordo com a amostra sondada. Não obstante, parece indubitável que a violência no namoro é um problema social real e de proporções preocupantes que merece maior atenção por parte de todos, investigadores, educadores, técnicos e governantes.

Em Portugal, a problemática da violência nas relações de namoro encontra-se pouco estudada, sendo conhecidos à data apenas dois estudos sobre o problema (Lucas, 2002; Machado *et al.*, 2003). Os resultados destes estudos revelam taxas de prevalência semelhantes às encontradas na literatura internacional e apontam para alguma legitimação e tolerância face à violência entre os jovens, mostrando

que esta, ao contrário do que se possa pensar, não está a desaparecer com as novas gerações.

No estudo de Lucas (2002) foi analisada a prevalência de duas formas de violência no namoro, física e verbal, entre estudantes do ensino secundário. Para além de mostrar que os comportamentos violentos entre namorados são considerados aceitáveis e até mesmo justificáveis para muitos jovens, constatou-se que 20% dos rapazes e 10% das raparigas inquiridas cometeu violência física sobre o seu parceiro amoroso, sendo que no caso da violência verbal as taxas de prevalência são ainda maiores, 27 e 43%, respectivamente.

Machado e colaboradores (2003) conduziram a sua investigação sobre violência física junto de uma faixa etária ligeiramente mais velha, estudantes universitários, constatando que 16% dos participantes tinha sido vítima de, pelo menos, um acto abusivo durante o ano anterior aquele em que ocorreu o estudo, aumentando a taxa de vitimização para 20% quando se tinha por referência a totalidade do passado amoroso do inquirido. Apuraram ainda que 22% dos respondentes tinha adoptado uma conduta violenta em relação ao parceiro.

Dada a escassez de dados sobre a realidade portuguesa no que toca à prevalência da violência no namoro na juventude, este estudo propôs-se avaliar a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro, numa amostra de adolescentes e jovens adultos portugueses.

Diferenças de sexo na perpetração e vitimização

Quando se fala sobre violência é importante diferenciar vítimas de agressores e o sexo do indivíduo tem-se revelado um factor importante nesta distinção. De facto, um dos debates mais controversos no campo da violência nas relações íntimas envolve a equivalência, ou falta desta, da violência perpetrada por homens e mulheres (Katz *et al.*, 2002). Serão os homens e as mulheres igualmente violentos? As taxas encontradas são uma vez mais inconsistentes e consequentemente inconclusivas.

Por um lado, existem estudos que mostram que as mulheres são mais frequentemente vítimas de violência do que os homens (e.g. Follingstad *et al.*, 1991) e que as consequências da violência física são mais severas para estas do que para os homens, apoiando o pressuposto básico da literatura sobre violência de que a maioria das vítimas são mulheres. Por outro, um conjunto significativo de estudos revela que as mulheres são tão ou mais violentas do que os homens (cf. Archer, 2000; White & Koss, 1991).

Não obstante esta controvérsia, é importante salientar que os actos de violência iniciados pelos homens têm geralmente efeitos mais devastadores e causam mais ferimentos na vítima do que os iniciados por mulheres (Arias & Johnson, 1989, cit. por Lewis & Fremouw, 2001). Na base do maior nível de ameaça associado à violência perpetrada por homens encontram-se a sua maior força e capacidades físicas. Corroborando esta distinção, alguns estudos sugerem que os agressores do sexo masculino tendem a utilizar actos de violência mais severos do que os agressores do sexo feminino, os quais tendem a recorrer a maioritariamente a actos de violência moderada ou menor (Arriaga & Foshee, 2004).

Dada a importância de se diferenciar vítimas de agressores e de tomar em consideração possíveis diferenças de género no envolvimento e papéis adoptados nas situações de violência, estabeleceu-se também como objectivo deste estudo proceder a essa análise. Uma vez que não existe suporte empírico consistente quanto ao envolvimento dos diferentes sexos nas situações de violência, não foram derivadas hipótese a este respeito.

Estatuto da relação e ocorrência de violência

Para além do sexo dos indivíduos, outro factor que se tem considerado importante na compreensão da prevalência da violência nas relações de namoro é que o estatuto da relação, ou seja, a medida em que esta é considerada pelos indivíduos como uma relação de namoro séria e de grande compromisso (Lewis & Fremouw, 2001).

Alguns estudos realizados sobre a questão sugerem que o estatuto da relação pode estar associado positivamente à frequência da violência no namoro (Arias, Samios & O'Leary, 1987; Makepeace, 1989). Quanto mais séria for a relação e mais envolvidos estiverem os parceiros maior será a probabilidade de ocorrência de violência. O estatuto da relação poderá ainda moderar efeitos de sexo na frequência da agressão, no sentido em que a violência perpetrada por homens ocorrerá com maior probabilidade em relações mais sérias (Katz *et al.*, 2002). Uma possível explicação para este facto é a violência cometida por homens ser vista como mais aceitável se ocorrida no contexto de uma relação séria (Bethke & DeJoy, 1993, cit. por Katz *et al.*, 2002). Com base nestas evidências, procurou-se ainda neste estudo analisar a relação entre o estatuto da relação e a ocorrência de situações de violência, identificando possíveis diferenças entre os sexos na percentagem de violência reportada e nos papéis assumidos na situação de violência em função do estatuto da relação. Dado existir suporte empírico neste sentido, foram postuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 2 – O estatuto da relação modera efeitos de sexo na frequência da agressão. Os homens tenderão a apresentar maiores taxas de agressão quando envolvidos em relações mais duradouras e com maior grau de compromisso.

Síntese dos objectivos

O presente estudo tem então como objectivos:

1. Identificar a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro na juventude.
2. Analisar as taxas de envolvimento em situações de violência física e psicológica em função de variáveis sócio-demográficas, nomeadamente, sexo, escolaridade e idade.
3. Analisar as taxas de envolvimento em situações de violência física e psicológica em função do estatuto da relação.
4. Identificar a ocorrência da adopção dos papéis de vítima e perpetrador nas situações de violência física e psicológica
5. Analisar a ocorrência dos papéis adoptados nas situações de violência física e psicológica em função de variáveis sócio-demográficas já referidas
6. Analisar a ocorrência dos papéis adoptados nas situações de violência física e psicológica em função do estatuto da relação.

Método

Participantes

Pretendeu-se neste estudo obter a colaboração de jovens com experiência de namoro e que podiam potencialmente ter-se envolvido em situações de violência no âmbito dessas relações. De acordo com Henton *et al.* (1983), embora as origens da violência no namoro possam ser estabelecidas antes, o primeiro episódio de violência ocorre geralmente aos 15 anos. Assim sendo, procurou-se obter a colaboração de jovens a partir dos 16 anos. Os dados foram recolhidos junto de estudantes do ensino secundário e universitário entre Novembro de 2004 e Abril de 2005. Optou-se pela recolha junto deste grupo porque permite o acesso imediato a um elevado número de respondentes mas também porque é mais provável que existam relações de namoro entre os estudantes do que outros sectores da população. Participaram no presente estudo 469 estudantes de quatro instituições de ensino portuguesas (duas de ensino universitário – turmas do 1.º ao 4.º

ano, e duas de ensino secundário – turmas do 11.º e 12.º anos). Foram excluídos da análise 40 participantes por não possuírem experiência de namoro (n=30) ou já serem casados (n=10).

Os 429 participantes remanescentes possuem idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos ($M=18,87$; $DP=1,74$), são maioritariamente do sexo feminino (70,9%) e heterossexuais (97,7%). Ainda de referir que 52,5% encontra-se a frequentar o ensino superior e os restantes o ensino secundário. Sensivelmente metade dos mesmos encontra-se presentemente envolvida em relações de namoro (54,2%), sendo a duração média destas relações de 19,73 meses ($DP=17,88$; $Min.=0,25$ mês; $Máx.=103$ meses).

Procedimento e Instrumento

A recolha de dados ocorreu entre Novembro de 2004 e Abril de 2005 e foi realizada mediante a aplicação de um questionário construído para o efeito, que foi distribuído aos alunos por um elemento da equipa de investigação que se deslocou às escolas para o efeito. O questionário foi preenchido individualmente por cada aluno, em sala de aula, no início ou final de uma aula, de acordo com a disponibilidade de cada professor. Os alunos foram convidados a participar na realização de um estudo sobre as relações de namoro na juventude, tendo preenchido os questionários em 15-20 minutos. As variáveis foram avaliadas da seguinte forma:

Violência no namoro: A vivência de situações de violência no namoro foi avaliada mediante um conjunto de questões que visam caracterizar não só a incidência de situações de violência psicológica e física, mas também o papel assumido nessas mesmas situações (vítima/agressor).

Assim, a vivência de *situações de violência psicológica* foi avaliada através da seguinte questão: “Em algum dos seus relacionamentos amorosos houve algum conflito com violência psicológica (insultos, humilhações)?”. A questão era acompanhada por uma escala de resposta de três pontos: 1= Não, nunca houve nenhuma situação de violência psicológica; 2 – Houve apenas uma situação de violência psicológica; 3 - Houve várias situações de violência psicológica. Para avaliar o papel assumido nas situações de violência psicológica reportadas, colocaram-se as seguintes questões: “Nessas situações de violência psicológica: Foi vítima? Agrediu psicologicamente?”. As perguntas eram acompanhadas por uma escala dicotómica de resposta 1-Sim e 2-Não.

Para avaliar a incidência de *situações de violência física* utilizaram-se medidas semelhantes, ajustando apenas as questões colocadas à forma de violência em causa. Mais concretamente “Ainda na sua vida amorosa, houve algum conflito

com violência física (empurrar, bater, forçar comportamentos sexuais)?"; "Nessas situações de violência física: Foi vítima?; Agrediu fisicamente?"³

Estatuto da relação: O estatuto da relação foi determinado multiplicando a duração da presente relação de namoro pela avaliação da sua qualidade, variáveis associadas moderadamente ($r=.38$, $p.<.000$). A duração da relação foi avaliada através da seguinte pergunta: "Há quanto tempo dura esta relação?". Os participantes respondiam tendo como unidade de referência o mês. A qualidade da relação foi avaliada através de três itens com formato de diferenciador semântico retirados da Escala da Intensidade da Relação Amorosa de Lima (2003) (1- compromisso muito ténue a 7- grande compromisso; 1-muito instável a 7-muito estável; 1-há pouca intimidade entre nós a 7-há muita intimidade entre nós), cuja consistência interna para a presente amostra é de .77. Para efeitos de análise de dados, procedeu-se à divisão da amostra em dois grupos com base na mediana da distribuição da amostra (*Mediana*=90,0; *Min.*=0,75; *Máx.*=686,67): relações menos sérias (50,6%) e mais sérias (49,44%). Os grupos constituídos apresentam médias de seriedade da relação significativamente diferentes (relações menos sérias: $M=36,76$, $DP=51,58$; relações mais sérias: $M=146,91$, $DP=119,75$, $t= -9,240$, $p.<.000$).

Para além das medidas anteriormente descritas, o questionário utilizado integra ainda um conjunto de questões sócio-demográficas (sexo, idade, orientação sexual) e um conjunto de questões que visam caracterizar a experiência anterior de namoro (experiência anterior de namoro, envolvimento actual, duração da relação).

Resultados

Os resultados são reportados segundo a ordem dos objectivos previamente estabelecidos. Assim, reportam-se em primeiro lugar os resultados atinentes à prevalência da violência física e psicológica. Seguidamente, expõe-se os resultados relativos às taxas de prevalência em função do sexo, da escolaridade, da idade dos participantes e do estatuto da relação. Por fim, registam-se os resultados concernentes aos papéis adoptados nas situações de violência física e psicológica, analisando-os em função das variáveis sócio-demográficas e do estatuto da relação.

³ Neste estudo a violência sexual foi avaliada como parte integrante da violência física por envolver o contacto físico, embora haja autores que considerem que esta constitui uma forma de violência por si só (Jaycox, 2004, cit. por Hickman *et al.*, 2004).

Prevalência da violência física e psicológica

A taxa de prevalência diz respeito à percentagem de participantes que reportaram ter estado envolvidos em situações de conflito com violência nas suas relações amorosas pelo menos uma vez. Conforme se pode verificar a partir da leitura da Tabela 1, existe um grupo amplo de participantes que admite ter experienciado conflitos com violência neste contexto. A taxa de incidência varia, contudo, em função da forma de violência em causa, sendo a violência psicológica mais comum do que a violência física.

Embora a prevalência de situações de violência física seja menor, 8,6 % dos participantes admite ter existido anteriormente uma situação de conflito com violência física e 2,1% afirma terem sido várias as situações desta natureza, o que perfaz um total de 10,7% de casos de violência física.

Relativamente à existência de conflitos com violência psicológica, 23,1% dos participantes admite ter existido uma única situação de conflito com este tipo de violência e 15,1% revela ter experienciado vários conflitos desta natureza. No seu conjunto, estes dados revelam que mais de um terço dos participantes (38,2%) já se viu envolvido em situações de violência psicológica no contexto de namoro.

De acordo com a hipótese 1, verifica-se a existência de uma associação positiva significativa entre a ocorrência dos dois tipos de violência ($r_{Spearman} = .37, p < .000, n = 425$). De acordo com a literatura, a violência psicológica antecede, na maior parte dos casos, a ocorrência da física. É assim natural que, à medida que ocorram situações de violência psicológica, surjam, também, situações de violência física.

No seguimento desta associação, considerou-se que outra forma interessante de analisar os dados seria através do cruzamento das situações de violência psicológica e física (Tabela 1). Consta-se que 60% dos participantes nunca experienciou qualquer forma de violência no contexto de namoro, 18% só passou por uma situação de violência psicológica e 10,48% por várias situações de violência psicológica sem ocorrência de qualquer tipo de violência física.

Embora, segundo a literatura, a violência física tenda a ser precedida por situações de violência psicológica, seis participantes revelam ter passado por um conflito com violência física sem ter vivenciado qualquer situação de violência psicológica. 4,29% admite ter vivenciado uma única situação de conflito com violência psicológica e física e 2,86% várias situações de violência psicológica mas apenas uma de violência física. Relativamente às condições de múltiplos conflitos com violência física, verifica-se que nenhum dos participantes esteve envolvido neste tipo de situação sem ter experienciado também violência psicológica uma (0,24%) ou mais vezes (1,90%), o que está em consonância com a interpretação realizada da hipótese 1. Esta última situação parece-nos merecer realce, pois embora se trate

de uma percentagem residual, mostra que oito dos participantes experienciou situações de violência física e psicológica frequentes no contexto de namoro.

Tabela 1. Prevalência de conflitos com violência nas relações de namoro (%)

Violência Física	Violência Psicológica			Total de Violência Física
	Nunca houve	Houve apenas um	Houve vários	
Nunca houve	60,00	18,81	10,48	89,29
Houve apenas um	1,43	4,29	2,86	8,57
Houve vários	0,00	0,24	1,90	2,14
Total de Violência Psicológica	61,43	23,33	15,24	100,00

Prevalência da violência em função do sexo, escolaridade e idade

De acordo com o segundo objectivo do estudo, procurou-se analisar as taxas de violência reportadas tendo em conta alguns factores sócio-demográficos, nomeadamente o sexo, a escolaridade e a idade dos participantes. Com vista à condução da análise de dados, e dada a baixa frequência de situações em que os conflitos com violência ocorreram mais de uma vez, procedeu-se à recategorização das variáveis violência física e psicológica em dois níveis: nunca houve violência física (89,3%) e houve pelo menos uma vez (10,7%) e nunca houve violência psicológica (61,8%) e houve pelo menos uma vez (38,2%), respectivamente.

Relativamente ao sexo dos participantes, os resultados dos testes do Qui-quadrado efectuados indicam que não existem diferenças nos valores reportados de violência física ($\chi^2(1)=0,000$, n.s.) e psicológica ($\chi^2(1)=0,271$, n.s.), pelo que rapazes e raparigas reportam níveis semelhantes de envolvimento em conflitos com violência nas suas relações de namoro.

Tabela 2. Violência no namoro em função da escolaridade (%)

	Violência Física		Violência Psicológica	
	Secundário (n=203)	Universitário (n=221)	Secundário (n=204)	Universitário (n=223)
Nunca houve	94,06	85,25	67,98	56,16
Já houve	5,94	14,75	32,02	43,84

Já no que toca à incidência de violência nos grupos de escolaridade, os resultados dos testes do Qui-quadrado efectuados mostram a existência de diferenças significativas entre os estudantes do ensino secundário e do ensino universitário. Os participantes que frequentam o ensino universitário apresentam uma taxa de

prevalência superior aos que estudam no ensino secundário em ambas as formas de violência analisadas (física: $\chi^2(1)=8,632, p<.05$; psicológica: $\chi^2(1)=6,233, p<.05$) (Tabela 2). A explicação mais imediata para este resultado poderá residir na diferença de idades e, consequentemente, num envolvimento, por parte dos estudantes universitários, em relações mais longas ($t=-13,979, p<.000$) do que os jovens do ensino secundário, variável que se encontra associada positivamente à existência de violência.

Para analisar possíveis diferenças entre classes etárias, procedeu-se à constituição de três grupos etários: 16 aos 17 anos (22,4%), 18 aos 20 anos (60,6%) e 21 aos 24 (17%). A realização de Qui-quadrados revelou a existência de diferenças significativas entre os grupos no que respeita à violência psicológica ($\chi^2(2)=6,462, p<.05$), sendo os jovens de 16-17 anos os que apresentam a taxa mais baixa de incidência desta forma de violência (Tabela 3). No que respeita à violência física, foi encontrado apenas um valor marginalmente significativo ($\chi^2(2)=5,404, p=.07$), que sugere, uma vez mais, a existência de maior violência nos grupos etários mais velhos. De salientar que estes resultados são semelhantes aos encontrados em função da escolaridade mas têm a vantagem de nos mostrar que a violência psicológica aumenta cerca de 10% em cada categoria e que a física triplica aos 18-20 e mantém-se estável aos 24 anos.

Tabela 3. Violência no namoro em função da idade (%)

	Física			Psicológica		
	16-17 anos (n=96)	18-20 anos (n=259)	21-24 anos (n=70)	16-17 anos (n=97)	18-20 anos (n=260)	21-24 anos (n=72)
Nunca houve	95,74	87,11	88,57	71,58	60,70	52,78
Já houve	4,26	12,89	11,43	28,42	39,30	47,22

Prevalência da violência em função do estatuto da relação

No que se refere à análise da proporção de violência reportada em função do estatuto da relação amorosa, constatou-se, após a análise dos resultados dos Qui-quadrados realizados, que não existem diferenças entre as taxas reportadas pelos indivíduos envolvidos em relações com diferentes níveis de seriedade no que respeita à violência psicológica ($\chi^2(1)=2,212, n.s.$), mas que os grupos se diferenciam no que respeita à violência física ($\chi^2(1)=4,812, p<.05$). A percentagem de violência física reportada por indivíduos envolvidos em relações sérias (17,3%) é significativamente maior que a reportada pelos indivíduos envolvidos em relações menos sérias (7,7%).

Procurou-se perceber se estes resultados se diferenciam consoante o sexo dos participantes, realizando testes do Qui-quadrado separadamente para cada nível de estatuto. Verificou-se que, entre os indivíduos envolvidos em relações menos sérias, os rapazes reportam taxas significativamente maiores de envolvimento em situações de violência psicológica (59,3%) do que as raparigas (31,3%) ($\chi^2(1)=7,013$, $p<.01$), não existindo diferenças no que toca à violência física ($\chi^2(1)=0,004$, n.s.)⁴. No que se refere aos indivíduos envolvidos em relações mais sérias, não são identificadas diferenças significativas entre os sexos nas taxas de envolvimento em qualquer dos tipos de violência (Psicológica: $\chi^2(1)=0,003$, n.s.; Física: $\chi^2(1)=0,016$, n.s.).

Procedeu-se também à análise de possíveis diferenças entre indivíduos do mesmo sexo envolvidos em relações com um nível de seriedade diferente. Não são encontradas diferenças significativas no grau de violência psicológica ($\chi^2(1)=0,654$, n.s.) nem física ($\chi^2(1)=1,310$, n.s.)⁵ entre rapazes envolvidos em relações menos e mais sérias. Todavia, entre as raparigas encontra-se uma diferença significativa com respeito à violência psicológica ($\chi^2(1)=4,859$, $p<.05$) e uma diferença marginalmente significativa no que respeita à violência física ($\chi^2(1)=3,528$, $p=.06$) em função do grau de seriedade da relação de namoro. Assim, as raparigas que afirmam estar envolvidas presentemente em relações mais sérias reportam maiores nível de violência psicológica (47,2% vs. 31,1%) e tendencialmente maiores níveis de violência física (17% vs. 7,8%) do que as envolvidas em relações menos sérias.

Papel adoptado na situação de conflito com violência

De acordo com o quarto objectivo estabelecido para este estudo, procurou-se analisar qual o papel assumido pelos participantes nas situações de violência que experienciaram no âmbito das suas relações de namoro.

No que respeita à violência física, a quase totalidade dos envolvidos revela ter sido vítima (97,3%), embora a maioria admita também ter agredido o companheiro (75,0%). Relativamente à violência psicológica, dos 162 participantes que afirmaram já ter estado envolvidos em situações de violência na relação de namoro, a maioria admite ter sido vítima de violência (81,6%), mas também ter tido comportamentos violentos para com o seu namorado (65,8%) (Tabela 4).

⁴ Este resultado deverá ser interpretado com cuidado, uma vez que devido ao número de casos de envolvimento em situações de violência física ser reduzido, não foram cumpridos os pressupostos do teste.

⁵ Idem.

Tabela 4. Papel adoptado em situações de violência (%)

Vítima	Violência Física Agressor			Violência Psicológica Agressor		
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Sim	47,37	34,21	81,58	72,30	25,00	97,0
Não	18,42	-	18,42	2,70	-	2,70
Total	65,79	34,21	100,00	75,00	25,00	100,00

De sublinhar que em 47,4% das situações de violência física e em 72,3% das situações de violência psicológica ambos os elementos do casal agrediram e foram agredidos, o que mostra que na maior parte das situações de violência esta é recíproca.

Papéis adoptados nas situações de violência em função do sexo, escolaridade e idade

De acordo com o quinto objectivo, analisou-se também o papel adoptado nos conflitos com violência reportados em função do sexo, escolaridade e idade.

Relativamente à primeira variável sócio-demográfica referida, os resultados dos testes do Qui-quadrado efectuados revelam existir diferença significativa entre os sexos no que diz respeito à agressão psicológica, com os rapazes a assumir ter cometido este tipo de comportamento mais frequentemente (91,3%) do que as raparigas (70,0%) ($\chi^2(1)=8,137, p<.01$). Não se verificam diferenças entre rapazes e raparigas no que toca à utilização de comportamentos fisicamente agressivos ($\chi^2(1)=0,452, \text{n.s.}$), nem no que toca à vitimação física ou psicológica (ambos os $p. \text{n.s.}$).

Análises posteriores permitiram ainda verificar que o papel adoptado na situação de violência é independente do nível de escolaridade e da idade dos indivíduos, não se verificando quaisquer diferenças significativas entre os grupos (ambos os $p. \text{n.s.}$)⁶.

Papéis adoptados nas situações de violência em função do estatuto da relação

De forma a responder ao último objectivo traçado, realizaram-se testes do Qui-quadrado entre o estatuto da relação (relações menos vs. mais sérias) e os papéis adoptados (vítima vs. agressor) nas situações de violência física e psicológica.

⁶ Idem

Não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os participantes envolvidos em relações menos sérias e os restantes no que toca à adopção do papel de vítima e de agressor nas situações de violência física e psicológica (todos os p. n.s.). Como tal, não foi possível testar a hipótese 2, segundo a qual se previa que o estatuto da relação moderasse efeitos de sexo na frequência da agressão.

119

Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses
Ana Patrícia Duarte & Maria Luísa Lima

Discussão e conclusão

O presente estudo procurou identificar a prevalência de duas formas de violência nas relações de namoro na juventude, bem como os papéis adoptados no âmbito destas situações, analisando as variáveis em função do género, da idade e da escolaridade dos participantes, bem como em função do estatuto da relação.

Os resultados indicam que a violência no namoro é um problema social disseminado entre os jovens portugueses, na medida em que um conjunto significativo de participantes já se viram envolvidos em situações de violência física e/ou psicológica no âmbito das suas relações de namoro. As taxas de envolvimento variam em função da forma de violência analisada, situando-se nos 10,7% no que toca à violência física e nos 38,2 % no que se refere à violência psicológica, percentagens que no caso da violência física se revelam mais baixas do que as identificadas por outras investigadoras em Portugal, que oscilam entre os 22% (Machado *et al.*, 2003) e os 30% (Lucas, 2002). A ocorrência das duas formas de violência analisadas encontra-se associada de forma positiva e moderada tal como mostrado anteriormente por outros autores (e.g. Burke *et al.*, 1988; Sigelman *et al.*, 1984). De referir que, embora a violência se encontrasse disseminada (a maior parte dos participantes já passou por ela), esta apresenta uma frequência relativamente baixa (na maior parte dos casos, ocorreu apenas uma vez), padrão já identificado por outros autores (e.g. Jenkins & Aubé, 2002).

Não foram encontradas diferenças no nível de envolvimento em situações de violência física ou psicológica entre os sexos, mostrando-se rapazes e raparigas igualmente susceptíveis ao envolvimento neste tipo de situação. Todavia, tendo em conta outras variáveis sócio-demográficas, constata-se que os participantes mais jovens (16-17 anos) e os que estudam no ensino secundário apresentam, comparativamente com os restantes participantes, taxas mais baixas de envolvimento em situações de violência. 14,8% dos estudantes universitários estiveram envolvidos em situações de violência física e 32,1% em situações de violência psicológica. Assim, conforme sugere Straus (2004), mesmo entre um grupo com um nível de educação superior como os estudantes universitários ainda há um

longo caminho a percorrer na mudança de normas culturais que toleram a violência entre casais.

Relativamente ao estatuto da relação, os participantes envolvidos em situações mais sérias apresentam taxas de envolvimento em situações de violência física e psicológica semelhantes, independentemente do seu sexo. Porém, entre os que vivem situações de namoro menos sérias, constata-se que os rapazes se envolvem mais em situações de violência psicológica do que as raparigas. A comparação de indivíduos do mesmo sexo a viver situações com estatuto diferente produziu também resultados interessantes, revelando que entre as raparigas aquelas que vivem relações de namoro mais estáveis envolveram-se mais frequentemente em situações de violência psicológica e tendencialmente mais vezes em situações de violência física do que aquelas cujas relações se caracterizam por um menor compromisso.

Um aspecto importante na análise da problemática da violência no namoro diz respeito ao papel desempenhado pelos indivíduos. Os dados obtidos no presente estudo mostram que na maior parte das situações a violência é recíproca, tendo os participantes assumido simultaneamente os papéis de vítima e de agressor nas situações de violência reportadas, padrão este consistente com o de outros estudos (e.g. Gray & Foshee, 1997). Ainda que a violência tenda a ser mútua ou recíproca, é importante reunir informação sobre quem toma a iniciativa da agressão, aspecto que não foi alvo de estudo no presente trabalho, e que permita discriminar os indivíduos que usam a agressão como medida defensiva daqueles que recorrem à mesma como medida manipulativa ou como estratégia de resolução de problemas. O'Keefe (1997) constatou que havia diferenças entre os sexos nos motivos apontados para o comportamento violento: embora ambos referissem a raiva como motivo principal, as raparigas reportavam mais vezes a autodefesa, enquanto que os rapazes afirmavam mais vezes usar a violência para exercer controlo sobre a sua parceira. Assim, torna-se crucial em estudos futuros averiguar de quem parte a iniciativa de agressão e com que motivações a violência é utilizada.

As taxas de vitimização são superiores às de perpetração. Este resultado é natural visto que é mais provável que os indivíduos reportem ser vítimas do que perpetradores de um comportamento socialmente indesejável (Makepeace, 1981; Jenkins & Aubé, 2002), como é o caso dos comportamentos violentos.

A análise em função do sexos permite constatar que os rapazes recorreram mais frequentemente à agressão psicológica no âmbito das suas relações amorosas do que as raparigas, resultado este contrário ao obtido por outros autores (White & Koss, 1991) não havendo diferenças entre os sexos no que respeita quer à agressão física quer à vitimização psicológica e física. Contudo, as taxas similares de perpetração e vitimização reportadas por rapazes e raparigas não devem ser vistas

como prova da mutualidade da violência nas relações adolescentes, na medida em que a literatura sugere que os níveis de violência feminina aparentemente elevados se podem dever ao uso de medidas quantitativas de auto-relato. Quando solicitadas a partilhar a sua experiência de envolvimento em situações de violência, as mulheres parecem mais dispostas a reportar situações de perpetuação do que de vitimização, comparativamente com os homens (Sigelman *et al.*, 1984). Os estudos qualitativos que examinam o significado do comportamento violento e o contexto de namoro revelam que a violência masculina é um problema importante e salientam o papel de comportamento normativo definido masculinamente em relações de género desiguais em termos de poder (Wood, Maforah & Jewkes, 1996; Hird, 2000, citado por Swart *et al.*, 2002).

A adopção dos papéis de vítima e agressor mostra-se independente da escolaridade e da idade dos indivíduos. Ao contrário do que a literatura sugere, não foi identificada qualquer relação entre a adopção de papéis e o estatuto da relação.

Aspectos positivos e limitações da pesquisa

Para terminar, apresenta-se um balanço das características positivas e de limitações do presente trabalho, bem como algumas sugestões de pesquisa futura.

No que concerne a aspectos positivos do trabalho apresentado, destaca-se, em primeiro lugar, o facto de constituir um esforço no sentido do aumento da compreensão da prevalência da violência no namoro entre adolescentes e jovens adultos, juntando-se aos trabalhos já realizados por Lucas (2002) e Machado *et al.* (2003) como fonte de informação sobre a problemática em Portugal. Tem o mérito de analisar simultaneamente diferentes formas de violência, contrariando a tendência existente na pesquisa sobre a violência no namoro, que tende a assumir uma visão míope do problema ao centrar-se predominantemente sobre o estudo da violência física (Jackson, 1999). Tem também o mérito de diferenciar a perpetração da vitimização, permitindo identificar diferenças entre os sexos que de outra forma não seriam reveladas, e de avaliar simultaneamente a experiência de envolvimento, perpetração e vitimização de jovens em idades e níveis de ensino diferentes.

De entre as limitações que o estudo apresenta, a mais significativa diz respeito ao facto deste se ter realizado junto de uma amostra de conveniência constituída por jovens estudantes e, como tal, os resultados encontrados não poderem ser generalizados ou tomados como representativos dos estudantes nem dos jovens portugueses em geral. À semelhança do que ocorre noutras países, seria importante futuramente proceder a estudos de âmbito nacional (e.g. EUA- National Crime Victimization Survey) que permitam um levantamento da prevalência da

violência no namoro e dos principais correlatos associados à mesma entre os jovens portugueses.

Relativamente a sugestões de pesquisa, considera-se importante em estudos futuros avaliar, para além da prevalência e dos papéis adoptados, os antecedentes e as consequências do uso da violência, aspecto que não foi alvo de estudo no presente estudo, mas que poderá ajudar a perceber melhor diferenças de sexo na vivência da violência na relação de namoro. Alguns estudos revelam que os homens tendem a usar comportamentos de violência mais severos e a infligir mais ferimentos nas suas companheiras do que o contrário, tendo sido este resultado obtido quer junto de amostras do ensino superior (e.g. Straus, 2004) como do secundário (e.g. Arriaga & Foshee, 2004). Tal como sugerido por Jackson (1999), é importante recorrer a metodologias qualitativas que permitam conhecer as consequências, os contextos e as motivações e significados da agressão. Na medida em que rapazes e raparigas experienciam a violência de forma diferente, podem ser necessárias abordagens sensíveis a estas diferenças de género para compreender e prevenir a violência no namoro.

Bibliografia

- Archer, J. (2002). Sex differences in physically aggressive acts between heterosexual partners: A meta analytic review aggression and violent behaviour. *Aggression and Violent Behaviour*, 7, 313-351.
- Arias, I., Samios, L., & O'Leary, K. (1987). Prevalence and correlates of physical aggression during courtship. *Journal of Interpersonal Violence*, 2, 82-90.
- Arriaga, X., & Foshee, V. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends' or their parents' footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19 (2), 162-184.
- Burke, P., Stets, J., & Pirog-Good, M. (1988). Gender identity, self-esteem and physical and sexual abuse in dating relationships, *Social Psychological Quarterly*, 51, 272-285.
- Emery, R. (1989). Family violence. *American Psychologist*, 44, 321-328.
- Follingstad, D., Wright, D., Lloyd, S., & Sebastian, J. (1991). Sex differences in motivations and effects in dating violence, *Family Relations*, 40, 51-57.
- Gray, H., & Foshee, V. (1997). Adolescent dating violence: Differences between one-seded versus mutually violent profiles. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 126-141.
- Henton, J., Cate, R., Kovel, J., Lloyd, S., & Christophe, F. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues*, 4, 134-182.
- Hickman, I., Jaycox, I., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness, *Trauma, Violence and Abuse*, 5 (2), 123-142.
- Hird, M. (2000). An empirical study of adolescent aggression in the U.K. *Journal of Adolescence*, 23, 69-78.
- Hydén, M. (1995). Verbal aggression as prehistory of women battering. *Journal of Family Violence*, 10, 55-71.
- Jackson, S. (1999). Issues in dating violence research: A review of the literature. *Aggression*

- and Violent Behaviour*, 4, 233-247.
- Jenkins, S., & Aubé, J. (2002). Gender differences and gender related constructs in dating aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (8), 1106-1118.
- Katz, J., Kuffel, S., & Coblenz, A. (2002). Are there gender differences in sustaining dating violence? An examination of frequency, severity and relationship satisfaction. *Journal of Family Violence*, 17 (3), 247-271.
- Lewis, S., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of literature. *Clinical Psychology Review*, 21 (1), 105-127.
- Lima, M. L. (2003). Terramotos, amor e outras coisas perigosas: Uma abordagem psicosociológica da percepção de riscos. In M.L. Lima, P. Castro, & M. Garrido (Orgs.). *Temas e debates em Psicologia Social* (pp.225-245). Lisboa: Livros Horizonte.
- Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicada. Lisboa: Universidade Lusófona.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes da população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Magdol, L., Moffitt, T., Caspi, A., Neuman, D., Fagan, J. & Silva, P. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-years-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78.
- Makepeace, J. (1981). Courtships violence among college students. *Family Relations*, 30, 97-102.
- O'Keefe, M. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12 (4), 546-568.
- Sigelman, C., Berry, C., & Wiles, K. (1984). Violence in college students' dating relationships, *Journal of Applied Social Psychology*, 14, 530-548.
- Straus, M. (2004) Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10 (7), 790-811.
- Swart, L., Seedat, M., Stevens, G., & Ricardo, I. (2002). Violence in adolescent' romantic relationships: Findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. *Journal of Adolescence*, 25, 385-395.
- White, J., & Koss, M. (1991). Courtship violence: Incidence in a national sample of higher education students. *Violence and Victims*, 6, 247-256.

Prévalence de la violence physique et psychologique dans les rapports amoureux de jeunes étudiants portugais

L'objectif de cet article est d'analyser la prévalence de la violence physique et psychologique dans les rapports amoureux ainsi que le rôle joué par chaque jeune, dans les situations de violence étudiées. Un échantillon composé de jeunes étudiants, lycéens et universitaires, célibataires et ayant eu des rapports amoureux, a rempli un questionnaire individuel.

Nous avons recherché les différences en fonction du sexe, de l'âge, du niveau scolaire des participants et aussi en fonction du statut des rapports amoureux dans les situations de violence analysées. Les résultats confirment que la violence est un problème prédominant dans les rapports amoureux chez les jeunes. Un pour-

centage significatif de participants confirme sa participation dans des situations de violence physique (10,7%) et de violence psychologique (38,2%), en tant que victime ou en tant qu'agresseur. Le taux de violence psychologique est supérieur à celui de la violence physique. Nous n'avons pas trouvé de différences entre les deux sexes au niveau de leur participation dans les situations de violence physique ou psychologique.

MOTS-CLÉS: Violence dans les rapports amoureux; violence physique; violence psychologique; victimisation; perpétration.

Prevalence of physical and psychological dating violence among young portuguese students

The present study assesses the prevalence of physical and psychological violence in dating relationships, and also the roles played by the youngsters during the violent situations reported. The study was conducted in a sample of high school and undergraduate students, single and with dating experience. Data were collected using self-administered questionnaires. Differences by participants' gender, age and academic level and by dating relationship's status were also assessed. The main results confirm that dating violence is a predominant social problem, with a relevant percentage of participants confirming already having been involved in physical (10,7%) and psychological (38,2%) violent situations during their romantic relationships, either as victims or perpetrators. The prevalence of psychological violence is higher than the prevalence of physical violence. Boys and girls have the same vulnerability to the engagement in violent situations.

KEYWORDS: dating violence; physical violence; psychological violence; victimisation; perpetuation.